



O projeto: **Corpos que lutam, produzem coletivamente e se conectam com a terra: uma vivência a partir do eixo Co-habitar com a fonte do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)** desenvolveu-se no período de 2019 e 2020. A artista-pesquisadora Maria Isabel Horevicz Dambros foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Orientada pela professora doutora Paula Caruso e contou também com apoio da professora doutora Larissa Turtelli durante todo processo. O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Novembro de 2019.

O corpo carrega em sua matéria física, nas células dos diversos tecidos, memórias de experiências vividas por ele. Todo corpo que vive compreende e sente o mundo de maneira única. As vias de percepção são os sentidos: o que vemos, ouvimos, cheiramos, degustamos e sentimos pela pele (sejam texturas externas ou internas), vão construindo em cada ser, uma história não cronológica e nem racional, mas de aspectos subjetivos, de emoções e sensações que constituem singularmente cada trajetória.

Este trabalho é uma pesquisa que almejou e desenvolveu uma criação artística em dança. O método Bailarino-Pesquisador-Intérprete criado pela professora titular Graziela Rodrigues foi o qual guiou esta pesquisa. O método foi experimentado no corpo da sua criadora desde 1980 e foi sistematizado em 1997, e se estrutura em três eixos.

Ao ingressar no curso de dança da Unicamp, no ano de 2018, fui imersa ao trabalho no primeiro eixo denominado "*O inventário no Corpo*", que é um convite a buscar em si as memórias sensoriais através do movimento. Significa autodescoberta das próprias sensações, emoções e gestualidades, ao mesmo tempo que propõe contatos, relações entre o grupo e com matrizes brasileiras de dança popular, buscando desprendimento das formas e linhas estéticas eurocêntricas de dança.

Com a intenção de realizar movimentos conscientes vindos de dentro para fora, o método tem como objetivo expandir o olhar de artistas em relação ao outro para situar em si mesma e na realidade. Prosseguir para o trabalho dentro do segundo eixo, o "*Co-habitar com a fonte*", no ano de 2019 foi o que inspirou a buscar, a partir dos assuntos escavados de meu corpo, criar relações com outros corpos, outras formas de estar no mundo. Como a autora descreve:

Nesta fase ocorre a saída dos espaços físicos convencionais da dança para se entrar numa realidade circundante a pessoa. O núcleo destas experiências são as pesquisas de campo, quer seja dentro de uma cultura à margem da sociedade brasileira, porque nelas habitam corpos com outras máscaras sociais que proporcionam outros referenciais, quer sejam outros espaços cujo conteúdo/paisagem mobilizou o corpo da pessoa para investigá-lo. (RODRIGUES, 2003)

A escolha do campo conecta-se com a história e com assuntos emergentes durante o trabalho do Inventário. Filha de agrônomo militante pela reforma agrária agroecológica, e de cidade agrícola do interior do Paraná, a questão fundiária e das organizações sociais foram temas presentes em minha trajetória, porém não muito aprofundados, até ser tomada por emoções de revolta, resistência, conexão com a terra e com elementos naturais nos laboratórios práticos de reconhecimento do Inventário pessoal.

O "*Co-habitar com a fonte*" foi inicialmente o foco desta pesquisa, porém esta se reinventou, como a sociedade foi especialmente forçada pela pandemia do COVID-19. Falar



de transformações no modo de vida, de mobilização coletiva ou instabilidade foram previstas no início, ao querer estudar um povo que luta há muitos anos pelo seu direito a terra, e o direito da terra de ser produtiva. Porém, esses temas não só me mobilizaram por empatia como foram sentidos de maneira ressignificada, pela experiência de isolamento social.

Houve uma preparação corporal e teórica para a ida a campo. Realizamos exercícios de ampliação da percepção dos sentidos, a fim de conseguir estabelecer relações de conexão pela empatia cinestésica em campo. Também foram realizadas leituras e discussões em grupo acerca da postura ética e menos etnocêntrica buscada para a prática.

O campo escolhido foi o Assentamento I da cidade de Sumaré, conquistado em 1985, com influência da Teologia da libertação -setor progressista da Igreja Católica ainda ativo na época-. Consiste em cerca de 60 famílias, possuindo como base de sustento a produção de bananas, além de cultivos de hortifrutis.



- Fotos da pesquisa de campo. Em ordem: Bananas recém colhidas; Tomates de hidroponia; Bananal.

A pesquisa de campo no assentamento se desenvolveu a partir da observação dos corpos dos trabalhadores e das relações constituídas, do trabalho com a terra e das emoções, paisagens e sensações que a experiência propiciou.

As visitas foram interrompidas pela medida de segurança de isolamento social no ano de 2020. Ainda assim, pela intensidade e abertura desses momentos, despertaram criativamente o corpo em movimentações e sentidos que foram explorados em casa, com orientações virtuais.

Dedicar o tempo para conectar-se com outro, fez-me refletir sobre diversos aspectos da minha vida. Em cada ida a campo e a cada abertura de *dojo*¹ diante do cenário pandêmico, lidei com expectativas, ansiedades e dúvidas, encontrei inquietudes que se desenvolveram em reflexões e atitudes de revisão acerca da escuta e aceitação diante do presente, da realidade.

¹ Dojo é uma ferramenta utilizada em todos os eixos do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). Imageticamente torna-se o espaço no qual se pode retirar as carcaças, máscaras e camadas de julgamentos que encobrem e limitam a movimentação dos corpos. De maneira prática, circundamos o próprio espaço (física ou mentalmente) e buscamos disponibilizar o corpo para ser expressão das imagens, sensações e sentidos reconhecidos em forma de movimento. Para que estas movimentações conttenham sentido, aprimoramos a atenção consciente de observação interna sobre os assuntos que emergem pelo movimento. Há uma preparação física a ser realizada antes da exploração em dojo, utilizando da técnica de dança, que referenciam os saberes oriundos de manifestações populares brasileiras, e também de exercícios de ampliação da percepção corporal, com a finalidade de ativar o corpo.



O trabalho na área rural é desgastante e requer domínio de diversas técnicas e saberes a respeito dos ciclos naturais e das necessidades específicas de cada tipo de cultivo, de acordo com as condições naturais e políticas do lugar onde moram. Além disso, é uma atividade instável que depende das variáveis climáticas, as pessoas percebem mais o ambiente.

Os estudos teóricos se deram no período de regime militar no Brasil (1964-1985), quando foi implantada uma política agrária excludente, que desvalorizou a agricultura de pequenas propriedades produtoras, incentivando o processo de industrialização dos meios de produção do setor agrícola, substituindo de forma rápida e extensa, trabalhadores rurais que sobreviviam de sua força de trabalho, por máquinas. Ainda neste período, houve a expansão das fronteiras capitalistas que, por volta da década de 1970, buscou aumentar seu domínio territorialmente juntamente com o aprofundamento das relações do setor agrário com a indústria. Esses processos resultaram em uma grande parcela da população desapropriada, seja de suas terras ou das oportunidades de trabalhar na atividade agrícola.

Desamparadas pelo Estado e atacadas pela desigualdade do capitalismo, viram-se na urgência de unir forças para continuar existindo. A partir da década de 1980, a ocupação de terras tornou-se o meio de contestação camponesa contra o autoritarismo, e no mesmo ano da ocupação do assentamento de Sumaré, funda-se o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, que assentou até hoje 350 mil famílias em terras latifundiárias improdutivas.²

Síntese Artística

Essa criação ganha corpo durante os laboratórios práticos de 2020 realizados em minha casa, uma república universitária de dez moradoras. Período de situação inédita em cenário pandêmico, responsável por ressignificações nas relações com o espaço, com as pessoas de casa e comigo mesma. Não houve como separar as coisas, nem acredito mais que há como desconectar o processo criativo da própria realidade. Ampliar a percepção dos sentidos e emoções para a pesquisa, abriu espaço para me perceber em totalidade, das instabilidades que sinto, dos delírios que projeto e crio expectativas, da inconstância permanente que a vida é, e assim também me torno também quando presente na realidade.

Dos laboratórios práticos, dos registros e dos estados corporais mais marcantes, surge o corpo de uma mulher que transita entre lucidez e delírios. Da sensação de ter muita história para contar e da emoção de rejeição e solidão por não ter ninguém para ouvir, suas viagens a carregam para um refúgio interno.

Possui forte relação com o mar, com a imensidão de céu aberto; expande seus braços e abre o peito, sente-se forte e desenvolve o poder de controlar as marés, seu corpo se torna água. No barco muitos casos se passam sob o balanço e som das ondas.

Lida constantemente com a instabilidade, seja a sensação física de chão instável como a insegurança de satisfazer as necessidades básicas, por momentos há fartura, muitos pescados em rede, por outros sente a amargura do gosto ruim que a fome deixa na boca.

As lembranças se confundem e possuem um fluxo dinâmico de transformação. Ao cair na consciência, depara-se sentindo o desespero da realidade e confusões mentais. Há

² Disponível em: <<https://mst.org.br/quem-somos/>> acesso em outubro de 2020.



momentos de abaular a coluna encolher-se do frio, sente um vazio de saudade e falta, quando pega seu pano sente cheiro do passado.

Essa saudade foi sendo sentida e a cada dojo ressignificada, até começar apresentar motivações de reconstituição. A dor não passa, porém mesmo com ela, o seu corpo se entrega e aceita, se serve de consolo e a leva para se



divertir. Pular, em contexto de festa de rua e brincadeira é algo que sente reviver sua criança, e com ela, sentimentos de travessura, gosta de interagir animada com pessoas.

Apresentando contrapontos complexos, sua manifestação também caminha por lugares de desconforto, quando enrijece seus músculos, esquentando seu corpo de braveza. Mostra-se indignada pela sensação de ter sido envenenada juntamente com seu povo. A revolta leva seu corpo a se transformar. Ao mover o quadril em ondulações e



contrações, envolvendo todo sistema digestivo a sensação e paisagem de um corpo com as vísceras expostas se apresenta. A interação com o próprio material viscoso e meio elástico envolve a sensação de prazer, de poder e sentimento de vingança. Ela enfrenta seus causadores de revolta e os serve como se fosse alimento suas vísceras.



“Eis-me aqui envenenada e viva.

Eis aqui milhões de corpos
envenenados em conta gotas.

Aqui jaz milhões de corpos invisíveis

Veja a terra nutrida de sangue e vísceras

Não veja terra improdutiva envenenada

Esvaziada

Meu corpo víscera causa indigestão

Não param os refluxos

Em contrações e repulsas configuro-me

Vou a luta e vingança com sangue nos olhos

Não há medo na adrenalina em combate

E minha arma é a ação transformadora

O asco é livre, é pra ter náusea

Estará posta a mesa

de prataria e vísceras, as minhas e de meu povo

O jantar está servido.”



- Poema em vermelho retirado do diário de dojos de agosto de



Marcas das experiências:

A *relação com a terra*, são pessoas que percebem o tempo acompanhando os fenômenos naturais que o determina: duração da luz do sol, as fases da lua, as estações do ano...

O *afeto* na recepção da Sonia, que desde o primeiro dia abriu as portas de sua própria casa e foi disposta a me ajudar e atender todas necessidades. Almocei junto de sua família, todos me acolheram e pude ter um momento de trocar conversas cotidianas, que me fizeram sentir incluída e a vontade. Fui tocada com a união familiar, que se reúne para almoçar na casa de Dona Nair, também pela abertura da mesma ao dividir esse espaço íntimo comigo.

A *relação com o tempo*. Lá não vi as pessoas aparentemente ansiosas ou apressadas, há um respeito dos limites de tempo e uma tranquilidade presente. Minha própria relação com o tempo mudou durante as visitas, as horas pareceram se dilatar e serem muito bem aproveitadas.

Depois do campo, a presença de outras pessoas ou seres passaram a aparecer mais frequentemente nos dojos, que antes ficavam mais em paisagens onde estava sozinha.

O *afeto*, despertou sentimentos de cuidado e saudade na criação, depois integrou-se em outras emoções como de luta, de coragem e confiança. O afeto se mostrou aqui potencializador, por meio dele sinto que as cenas se transformam. Os momentos do campo permaneceram em minha mente e corpo de maneira presente, reverberando em questionamentos acerca do modo automático que impede de perceber o cotidiano.

Abrir a percepção também é algo que se desenvolve e só enxerguei como estava “preparada” na hora que pratiquei em campo. As experiências de observação e sintonização preparatórias são bem diferentes do momento, porém foram extremamente necessárias. As discussões e leituras de preparação para campo me fizeram sentir segurança em como me comportar, pois delas vi a possibilidade de estabelecer relações horizontais e com respeito.

Depois do campo, entendi experienciando que podem-se criar relações de afeto entre pesquisadora e pesquisada(o)/ambiente sem perder a ética. Essa relação de troca sensível fazem com que a pesquisa considere as complexidades humanas. Quanto mais profundamente eu conhecia essa outra realidade e corpos, mais fundo também entrava em contato comigo mesma, e esses saberes de conexão contribuíram de forma consistente para minha formação artística, acadêmica e humana.

Agradecimentos

Aos pesquisados, Sonia, Samuel, dona Nair, seu Domício, Ilário, dona Selma, Ana, Fátima, Sara e Marlene, por todo acolhimento, respeito e atenção que dedicaram a mim em todos momentos que estabelecemos relação. À orientadora profa. Dra. Paula Caruso Teixeira pelo acompanhamento e orientações. À profa. Dra. Larissa Turtelli pelo auxílio no processo. Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) oferecido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Método BPI (Bailarino-Pesquisador-intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal**: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método | Graziela Estela Fonseca Rodrigues. - Campinas, 2003.

MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra). **Nossa História**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/nossa-historia/70-82>>